

## Reflexões sobre masculinidades: possibilidades de interpretação a partir de uma visão analítico-comportamental

Reflections on masculinities: possibilities of interpretation from a behavioral-analytic view

Reflexiones sobre masculinidades: Posibilidades de interpretación desde un punto de vista analítico-conductual

Alex Valério<sup>1</sup>, Danley Pereira de Castro<sup>2</sup>, Tiago Florêncio<sup>1,3</sup>

[1] Instituto Paulista de Sexualidade [2] Universidade de São Paulo (USP) [3] Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento | **Título abreviado:** Reflexões sobre masculinidades sob uma visão analítico-comportamental | **Email:** Tiago Florêncio – tiagoflorencio\_psico@yahoo.com.br | **doi:** org/10.18761/VEEM.13796

**Resumo:** As discussões sobre masculinidades iniciaram a partir dos estudos feministas, que apontaram a desigualdade entre os gêneros como uma construção social. O termo masculinidade é apresentado aqui, no plural, para trazer luz a uma discussão: a de que diferentes atravessamentos na vida de cada homem podem produzir diferentes masculinidades. O presente artigo pretende, a partir de uma reflexão teórica, discutir as diferentes masculinidades e analisar funcionalmente o processo de aprendizagem de respostas socialmente atribuídas ao masculino. Tornar-se “masculino” significa passar por um processo de aprendizagem de padrões comportamentais pré-determinados pelo grupo a qual se pertence. De acordo com os pressupostos da Análise do Comportamento, o grupo exerce grande influência sobre as respostas que serão emitidas. Não raras as vezes, os padrões selecionados são comportamentos de agressividade, rivalidade e de pouco respeito com mulheres. Avaliando funcionalmente, observa-se que, com frequência, uma parte dos comportamentos são mantidos por esquiva da punição social ou pela anuência do grupo. A literatura aponta como resultado deste tipo de construção, aspectos que causam prejuízos aos próprios homens, uma vez que este grupo apresenta poucos comportamentos de autocuidado, se envolvem mais em acidentes de trânsito e se suicidam quatro vezes mais que as mulheres. Parte do sofrimento se dá pelo fato de que, desde cedo, homens são ensinados a esconder e/ou negar suas emoções ou sentimentos, aspecto que possivelmente exerce uma relação com a falta de autocuidado e da resistência em buscar ajuda profissional, já que socialmente, um “homem de verdade” não chora, não sofre e deve se apresentar como forte e viril. De maneira geral, todas essas práticas fazem parte de um mesmo padrão, o da masculinidade hegemônica. Apesar das discussões sobre o tema ganharem mais visibilidade e caminharem na direção da desconstrução, ainda há muito o que ser feito. A implementação de políticas públicas e de serviços de saúde voltados para o atendimento de homens e a presença desse assunto na formação do psicólogo são exemplos de alternativas na direção da mudança.

**Palavras-chave:** masculinidades; análise do comportamento; gênero.

**Abstract:** The discussions regarding masculinities started from feminist studies, which revealed the inequality between genders as a social construction. The term masculinities was chosen to bring up the debate that different events and contexts in each man's life can produce different masculinities. From a theoretical point of view, this article aims to contribute to perspectives about masculinities and present possible deployments of this gender expression. To become "masculine" means going through a learning process of behavioral patterns predetermined by the group which the individual belongs to. According to the Behavior Analysis assumptions, the group implies great influence on the individual behavior that follows. Not rarely, the selected patterns are aggressive behavior, rivalry and lack of respect for women. With a functional analysis is possible to observe that frequently a part of the behaviors are maintained by avoidance of social punishment or by the group's consent. Research findings that self-harm is a result of this type of construction and since this group has few self-care behaviors, is more involved in traffic accidents and commits suicide four times more than women. Part of the suffering is due to the fact that, since the first years of their lives, men are taught to hide and/or deny their emotions or feelings, an aspect that possibly connects with the lack of self-care and resistance to seeking professional help, as socially a "true man" does not cry or suffer and must present himself as strong and virile. Generally, all these practices are part of the same pattern known as hegemonic masculinity. Although discussions on this theme are becoming more visible and moving towards deconstruction, there is still a lot to be done. The implementation of public policies and health services aimed at the care of men, for example, can be an alternative in the direction of change.

**Keywords:** masculinities; behavior analysis; gender.

**Resumen:** Los debates sobre las masculinidades partieron de los estudios feministas, que señalaron la desigualdad de género como una construcción social. El término masculinidad se presenta aquí, en plural, para traer luz a una discusión: que diferentes cruces en la vida de cada hombre pueden producir diferentes masculinidades. El presente artículo pretende, desde una reflexión teórica, discutir las diferentes masculinidades y analizar funcionalmente el proceso de aprendizaje de las respuestas socialmente asignadas a la masculinidad. Convertirse en "masculino" significa pasar por un proceso de aprendizaje de patrones de comportamiento predeterminados por el grupo al que se pertenece. Según los supuestos del análisis del comportamiento, el grupo tiene una gran influencia en las respuestas que se emitirán. No pocas veces, los patrones seleccionados son comportamientos de agresividad, rivalidad y poco respeto con las mujeres. Evaluado funcionalmente, se observa que a menudo una parte de los comportamientos se mantiene por evitar el castigo social o por la aprobación del grupo. La literatura señala como resultado de este tipo de construcción, aspectos que causan daño a los propios hombres, ya que este grupo presenta pocas conductas de autocuidado, se involucra en más accidentes de tránsito y se suicida cuatro veces más que las mujeres. Parte del sufrimiento se debe a que, desde pequeños, se enseña a los hombres a ocultar y/o negar sus emociones o sentimientos, aspecto que posiblemente tenga relación con la falta de autocuidado y la resistencia a buscar ayuda profesional, ya que socialmente, un "hombre de verdad" no llora, no sufre y debe presentarse como fuerte y viril. En general, todas estas prácticas forman parte de un mismo patrón, el de la masculinidad hegemónica. A pesar de que los debates sobre el tema adquieren mayor visibilidad y se mueven en la dirección de la deconstrucción, aún queda mucho por hacer. La puesta en marcha de políticas públicas y servicios de salud dirigidos a la atención de los hombres y la presencia de este tema en la formación de los psicólogos son ejemplos de alternativas hacia el cambio.

**Palabras clave:** masculinidades; análisis de comportamiento; género.

*“O que adianta eu ser durão e o coração ser vulnerável?  
[...] Diz que homem não chora. Tá bom, falou!  
Não vai pra grupo irmão  
Até Jesus chorou”*  
Racionais

Antes de definir o que é masculinidade, é preciso olhar para os estudos feministas sobre gênero, que ofereceram uma possibilidade de entender que as desigualdades sociais existentes entre homens e mulheres não eram ocasionadas apenas por fatores biológicos e que, logo, a desigualdade entre ambos era resultado de processos culturais. Socialmente, a palavra sexo designa características inatas aos indivíduos, atribuídas a fatores biológicos. O termo gênero torna-se importante para evidenciar características culturais e distinções feitas entre homens e mulheres, aos comportamentos que são associados à feminilidade ou à masculinidade (Piscitelli, 2009). Isto posto, gênero seria um conjunto de práticas culturais que são reforçadas diferencialmente de acordo com o sexo. Algumas respostas específicas são valorizadas quando emitidas pelo sexo masculino, enquanto que, as mesmas respostas se emitidas pelo sexo feminino, serão questionadas e, possivelmente, invalidadas (ou até mesmo punidas).

Ruiz (2003) defende que as práticas de gênero são formas de controle social baseadas em relações de poder, em que o sexo do indivíduo se torna estímulo discriminativo e determina o acesso a reforçadores que este indivíduo terá ao se comportar. Nesse sentido, a masculinidade pode ser definida como um conjunto de respostas que são reforçadas diferencialmente de acordo com as práticas culturais aos que se identificam como homens. Utilizando a definição de Ruiz citada anteriormente, as desigualdades vivenciadas por pessoas do sexo feminino são aprendidas e selecionadas pelo ambiente, pois atribui-se socialmente a mulher e o sexo feminino o papel de submissão por meio de privilégios e vantagens materiais, culturais e simbólicas, em favor dos homens que correspondem aos ideais de masculinidade, o que produz uma dominação masculina. Welzer-Lang (2001) evidencia que a dominação masculina produz opressão com base no sexo e gênero, além das desigualdades produzidas por esse sistema.

A Análise do Comportamento é uma ciência que tem por objetivo o estudo do comportamento humano, entendendo comportamento enquanto interação entre organismo e ambiente (Skinner, 1953/1985). Trata-se de uma ciência com grande potencial para promoção de mudanças no mundo, a partir da compreensão de questões sociais e do que possivelmente mantém as problemáticas decorrentes destas. Nos últimos anos, pesquisadoras/es brasileiras/os têm se dedicado a investigar questões sociais sob a ótica analítico-comportamental (Fazzano, 2014; Fazzano & Gallo, 2015; Fazzano, Mena, Dionísio & Gallo, 2020; Freitas & Moraes, 2019; Linhares e Laurenti, 2018; Mizael & de Rose, 2017; Mizael & Sampaio, 2018; Silva e Laurenti, 2016). Dentre as temáticas estudadas está a análise de fenômenos como LGBTfobia, machismo e preconceito racial, além de integrações entre Feminismos e Análise do Comportamento.

Das temáticas mencionadas acima, enfatizamos a LGBTfobia e o machismo com objetivo de ilustrar as questões que rodeiam a construção da masculinidade, embora alguns autores de teorias sociais também relacionam o preconceito racial como sendo mantido por este mesmo padrão. Para Fazzano e Gallo (2015) a LGBTfobia<sup>1</sup>, por exemplo, pode ser entendida, em termos analítico-comportamentais, como um conjunto de comportamentos operantes e respostas emocionais que envolvem agressões e violências diversas (psicológicas, físicas ou sexuais) direcionadas a pessoas LGBTQIA+<sup>2</sup>. Tais agressões, quase sempre, vêm de grupos que reproduzem diferentes manifestações dos estereótipos de masculinidades (Fazzano & Gallo, 2015; Welzer-Lang, 2001).

1 No texto original, os autores usam o termo “homofobia” e “preconceito sexual”, contudo, a fim de contemplar uma diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero, optou-se por usar o termo LGBTfobia. LGBTfobia se refere qualquer tipo de preconceito, aversão ou discriminação contra pessoas LGBTQIA+.

2 A sigla representa um grupo de orientações sexuais ou identidades de gênero, que se diferenciam da que é convencionalizada por uma sociedade cis-heteronormativa. LGBTQIA+ inclui Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais e Assexuais. O sinal + contempla outras possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero que existam.

Portanto, o objetivo do presente artigo é, a partir de uma reflexão teórica, discutir as diferentes masculinidades e analisar funcionalmente o processo de aprendizagem de respostas socialmente atribuídas ao masculino.

## Os estudos sobre masculinidade

O estudo do conceito de gênero dentro do contexto acadêmico foi introduzido por John Money, primeiramente no campo da medicina, com objetivo de estudar a intersexualidade humana. Na década de 1960, Robert Stoller formulou o conceito de *identidade de gênero* para diferenciar quais manifestações de gênero seriam decorrentes de aspectos biológicos e quais poderiam ser atribuídas à cultura (Piscitelli, 2009). Embora os órgãos genitais gerem expectativas sobre o indivíduo logo em seu nascimento, os papéis sociais e as características que determinam o ser homem ou mulher dependem do contexto histórico e cultural em que este indivíduo nasce. Margaret Mead, em seu livro “Sexo e temperamento em três sociedades primitivas”, demonstrou através do estudo de três culturas diferentes que os papéis sociais definidos na cultura estadunidense não eram naturais ou biológicos, tendo em vista que, em sociedades distintas, homens e mulheres desempenhavam papéis que podiam ser lidos como masculinos ou femininos – mas que naquelas culturas não tinham essa mesma leitura (Mead, 1969/2000).

O termo gênero, enquanto conceito e estudo, passa a ter mais impacto nas teorias sociais com o pensamento feminista da década de 1970. O movimento social que reivindicava direitos iguais entre homens e mulheres, tornou-se fundamental para a formulação do conceito de gênero, entendendo que o gênero é algo aprendido culturalmente, pôde-se compreender que as desigualdades entre homens e mulheres também eram construídas culturalmente e por isso não eram imutáveis. O pensamento feminista passa por três momentos diferentes em sua construção, havendo inicialmente estudos sobre os papéis sociais determinados culturalmente e a influência desses papéis sobre o comportamento humano, questionando-se a subordinação das mulheres visto que as diferenças não eram naturais. O

segundo momento do feminismo marca a criação da categoria “mulheres” como um sujeito político, supondo que todas as mulheres sofrem opressões iguais independente de marcadores como classe ou raça, demarcando uma identidade coletiva. Nesse aspecto, Gayle Rubin fez contribuições importantes à teoria feminista e o movimento social, identificando que há uma imposição de que o gênero deve corresponder ao sexo biológico, mas também a crença de que desejo sexual precisaria ser direcionado ao sexo oposto, havendo então uma heterossexualidade obrigatória (Piscitelli, 2009). Assim, o mesmo sistema de opressão às mulheres, também servia de justificativa para oprimir identidades bissexuais, gays e lésbicas.

O terceiro momento do feminismo é marcado por críticas direcionadas à visão essencialista do sujeito político “mulheres”, mencionado anteriormente, que criava uma identidade entre elas, mas sem a possibilidade de perceber suas diferenças. Esses questionamentos foram levantados, principalmente, por feministas negras, que percebiam que a identidade criada, destacava necessidades das feministas brancas e de classe média, mas não levavam em conta as necessidades das mulheres negras. Destacando as diferenças entre as próprias mulheres, compreende-se que há um sistema de diferenças baseado também na raça, classe social, orientação sexual ou idade (Piscitelli, 2009).

Essas diferenças podem ser discutidas e pensadas a partir do conceito de interseccionalidade, definido por Kimberlé Crenshaw em 1989, para designar que existe uma interação entre as diversas formas de opressão, como gênero e raça, por exemplo. O conceito de interseccionalidade permite que as opressões sejam analisadas de uma forma ampliada, partindo do pressuposto de que algumas formas de opressão ocorrem de forma simultânea, baseadas no gênero, raça, classe social, orientação sexual, dentre outros (Kyrillos, 2020).

Com a formulação do conceito de gênero através dos estudos feministas, há a desnaturalização das diferenças, subordinação e desigualdades de gênero que eram baseadas no sexo biológico, como justificativa, além de trazer a compreensão de masculinidade enquanto gênero, construído com base em práticas culturais. A partir da ideia de interseccionalidade, discutiremos adiante o termo mascu-

linidade hegemônica, para se aprofundar, também, na ideia de que existem diferentes manifestações dos estereótipos de masculinidade, que se entrelaçam também entre classe, raça, idade, nacionalidade, dentre outras categorias diferentes.

## Masculinidade hegemônica: poder, violência e virilidade

Connell (2013) popularizou o termo **masculinidade hegemônica** para descrever o conjunto de práticas associadas e validadas socialmente para o sexo masculino. Tais práticas revelam algumas expectativas a respeito do que é esperado dos homens, como: ser heterossexual, cisgênero, branco, forte, rico, ter sucesso e poder, estar no controle, se relacionar com várias parceiras, dentre outras (Connell, 2013; Kimmel, 2016; Veiga, 2018). Deste modo, a masculinidade hegemônica se assume como normativa e se refere ao conjunto de comportamentos que definem socialmente o que é ser homem, ainda que uma minoria de homens alcance ou consiga performar o que é esperado, os homens se posicionam em relação a essas expectativas. As definições culturais de masculinidade mantém o poder que alguns homens têm sobre outros homens (masculinidades que não correspondem às expectativas hegemônicas) e o poder que os homens possuem sobre as mulheres (Kimmel, 2016; Veiga, 2018). O padrão determina que outras formas de existir não estão corretas e nesse sentido:

...o homem, branco e hétero estabeleceu-se como padrão e a mulher, a transgeneridade, o negro, o índio, as *gays* foram relegados à condição de fora do padrão (Veiga, 2018, p.77, grifo do autor).

Mizael (2019) introduz a possibilidade de interlocuções entre o feminismo interseccional e a análise do comportamento, o texto discute a maneira como os marcadores sociais – por exemplo, gênero, raça, classe e orientação sexual – podem produzir desigualdades que interagem. Considerando o feminismo interseccional e a teoria da interseccionalidade, as análises funcionais, pesquisas e estudos

clínicos, precisam levar em consideração os marcadores sociais da diferença, para elucidar conclusões mais próximas à realidade. Nesse sentido, ao falar de homem, alguns questionamentos fundamentais são: de que homem estamos falando? Existem particularidades da vivência de um homem negro em comparação a um homem branco? E de um homem negro gay em comparação a um homem hétero branco?

A socialização dos meninos carrega alguns símbolos característicos, que representam como se espera que eles se portem em sociedade. É comum que os meninos recebam brinquedos como armas, tanques de guerra, carros, além das brincadeiras de incentivo à competição e conquista, como “lutinhas” ou, o que está cada vez mais recorrente nos últimos anos, videogames com jogos de corrida ou tiros. Nesses espaços, é melhor quem conquista mais, é mais valorizado quem possui mais. Enquanto na infância, é mais valorizado aquele que tem mais conquistas nas brincadeiras ou jogos da infância, na vida adulta o padrão de conquista segue igual, valorizando-se aqueles que têm mais relações, mais poder aquisitivo ou os que ingerem mais bebida alcoólica, dentre outras práticas. O consumo de álcool, por exemplo, representa uma prática constante na sociabilidade masculina e, também, na maneira como os homens lidam com conflitos (por exemplo, problemas de relacionamentos ou desemprego), embora não seja uma exclusividade masculina, o consumo de álcool masculiniza (Nascimento, 2016).

Welzer-Lang (2001) utiliza o conceito *casa dos homens* para se referir aos espaços reservados e frequentados por homens (clubes, bares, estádios e, na atualidade, grupos de *WhatsApp*), o que o autor propõe serem os espaços onde os homens aprendem os comportamentos a reproduzirem. É possível pensar num diálogo entre a Análise do Comportamento e o conceito de casa dos homens, por meio do modelo de seleção por consequências proposto por Skinner (1953/1985), em que a consequência do comportamento pode ter um efeito reforçador ou punidor, aumentando ou diminuindo a probabilidade futura de sua ocorrência, selecionando os comportamentos considerados adequados aos homens. No contexto de aprendizagem dos meninos, os homens mais velhos se tornam modelos a

serem seguidos e são também aqueles que dirão o que é certo ou errado. Quando um menino expressa tristeza através do choro, ele possivelmente ouvirá comentários como “você já é homem, tem que parar de chorar” ou “chorar é coisa de mulherzinha”, o que pode ter efeito punitivo sobre a resposta, além de ensinar que “ser mulher” é algo negativo.

Para Skinner (1953/1985) e o behaviorismo radical, o repertório comportamental de todo indivíduo é explicado através do modelo de seleção por consequências. Nele, o indivíduo emite pequenas variações comportamentais e tais variações podem ou não ser selecionadas pelo ambiente. Esse constante processo de variação e seleção acontece em três níveis, o filogenético, o ontogenético e o cultural. O primeiro nível compreende a seleção natural do organismo e todo repertório inato, aprendido ao longo da evolução da espécie: sugar, pupila dilatada ou contraída e o coração disparar, por exemplo. O segundo nível compreende todo o repertório comportamental adquirido ao longo da vida particular de cada sujeito: andar de bicicleta, jogar futebol e dirigir, por exemplo. Finalmente, o terceiro nível de seleção compreende o repertório que é influenciado diretamente pelo ambiente social: valores, crenças e diferentes tipos de socialização, por exemplo.

Culturalmente, em uma sociedade patriarcal, a força está associada às características tidas como masculinas, enquanto sensibilidade, expressão de emoções e autocuidado são considerados comportamentos femininos e, portanto, devem ser evitadas pelos homens (Courtenay, 2000; Welzer-Lang, 2001). Analisando as práticas culturais envolvendo as masculinidades, comportamentos como chorar, brincar com meninas, jogar esportes tidos como femininos, são sistematicamente punidos. Enquanto a rivalidade e a agressividade produzem diferentes acessos e direitos (Welzer-Lang, 2001). O grupo exerce um controle importante sobre o repertório de seus membros, pautado nas práticas sociais que permeiam essas relações e por meio do reforçamento diferencial, o grupo é capaz de reforçar alguns comportamentos e colocar outros em extinção ou até mesmo puni-los (Skinner 1953/1985).

Os acessos, direitos e privilégios, de um modo geral, podem ser considerados reforçadores, uma vez que garantem a manutenção dos comportamentos “masculinizados”. As estatísticas relaciona-

das aos homens no Brasil demonstram que este tipo de socialização aprendida por e entre homens, estimula e resulta em violência. O Atlas da Violência produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2020) revela que, em 2019, 91,8% das vítimas de homicídio no país foram homens e, destes, 55,3% aconteceram ainda na juventude (entre 15 e 29 anos). Os dados deste mesmo atlas demonstram uma superioridade de 74% de homicídios entre homens negros, se comparados aos homens brancos. Além disso, no período entre 2013-2018 houve um aumento de 8,3% dos casos de feminicídio<sup>3</sup>. Um dado importante a se destacar é de que, no Brasil, os números de suicídio entre homens é quatro vezes maior se comparado as mulheres (Baére e Zanello, 2020).

## Os efeitos da masculinidade hegemônica sobre o comportamento

As discussões a respeito das masculinidades têm avançado nos últimos anos. A masculinidade hegemônica se baseia na competição com outros homens e na dominação masculina sobre as mulheres e outras masculinidades que podem ser consideradas subalternas, sendo observada uma tendência masculina a resistir a quaisquer expressões de emoções, sensibilidade e, inclusive, à psicoterapia (Ardenghi Dutra & Orellana, 2017; Casadei & Kudeken, 2020). Além disso, ainda a respeito das masculinidades, existe uma relação entre violência e agressão que foi culturalmente estabelecida, sendo necessário que homens tenham que demonstrar força e invencibilidade. Não é à toa que os dados indicam que os maiores índices de mortalidade masculina se referem a homicídio; acidentes de transporte; e transtornos mentais e comportamentais (Ardenghi Dutra & Orellana, 2017; Laurenti, Jorge, & Gotlieb, 2005).

3 Feminicídio é o termo utilizado para se referir a crimes de ódio que ocorrem com base no gênero, na maioria das vezes, é definido como o assassinato de mulheres em contexto de violência doméstica ou em aversão ao gênero da vítima (misoginia).

Desde a infância, a sociedade determina o que é esperado dos meninos. Geralmente há pouco ou nenhum espaço para subjetividade masculina. Como já mencionado acima, o clássico “homem não chora” é um exemplo do quanto homens são incentivados a evitar ou esconder suas emoções e sentimentos. Além desta, há outras tantas expressões que homens escutam ao longo da vida, como por exemplo, “aja como um homem”, “parece mulherzinha”, “filho meu tem que ser pegador”, dentre outras (de Paula & da Rocha, 2019). Isto posto, fica evidente que a história de vida e o contexto social – em outras palavras, o segundo e terceiro nível de seleção – ensinam aos meninos aquilo que é esperado de um “homem de verdade”.

A masculinidade hegemônica estabelece uma necessidade de afirmação constante entre os homens, com testes ou provas para ser validado e é um reconhecimento que só é obtido entre os homens. Independente dos marcadores sociais, uma regra aprendida pela maioria dos homens, de forma explícita ou sutil, é a de que ele não deve se assemelhar ou se comportar como uma mulher, além da necessidade de diminuí-las ou desconsiderá-las (Kimmel, 2016; Welzer-Lang, 2001). A tentativa de se distanciar do que aparenta ser feminino também produz violência contra os homossexuais, pois logo na infância, ser chamado homossexual aparece como se fosse algo ofensivo e/ ou pejorativo, antes mesmo de se entender o que é ser homossexual ou heterossexual.

Foram selecionadas algumas situações<sup>4</sup> comumente vivenciadas por homens ao longo da vida, a fim de ilustrar a manutenção da masculinidade hegemônica. Para apresentação destes dados, será utilizada a tríplice contingência. Além disso, cada análise seguirá acompanhada de uma breve discussão de possíveis efeitos na subjetividade e na aprendizagem do que é ser homem.

Uma das primeiras frases que todo homem escuta, ainda quando menino, geralmente numa situação de choro (seja por estar triste, ter se machucado ou o que for), é que homens não devem chorar e

que isso é coisa de “mulherzinha”. A tabela 1 apresenta a maneira como é consequenciado o choro masculino, geralmente ainda em idade infantil.

Considerando que um dos efeitos da punição é reduzir a probabilidade de ocorrência futura da resposta que foi punida (Hunziker, 2011), supõe-se que após passar por essa situação algumas vezes, seja menos provável que meninos chorem na frente de outras pessoas, especialmente de seu punidor. A segunda contingência é uma possível explicação para outro efeito provável da contingência punitiva. Acredita-se que na presença de seus punidores, a criança passe a emitir uma classe de respostas que, aqui, serão chamadas de “segurar” o choro. Tal classe seria mantida por reforçamento negativo, onde a criança evitaria novas repreensões. “Segurar” o choro, também produziria elogios do grupo e, portanto, essa classe de respostas passaria a ser mantida por duas consequências. Ambas as consequências funcionam como reforçadoras e, provavelmente, garantem que os comportamentos voltem a acontecer no futuro. Entretanto, a punição tem outros efeitos sobre o comportamento da criança. Segundo Sidman (2009), esses efeitos podem ser considerados como tóxicos. O agente punidor pode se tornar um aversivo condicionado, assim como o ambiente e até mesmo a atividade que era praticada durante a punição, como um jogo de futebol, por exemplo.

Ainda a respeito das contingências apresentadas, levando em conta que a expressão de sentimentos é punida, enquanto a repressão é reforçada, os homens não aprendem a nomear aquilo que sentem e, durante o processo de aprendizagem, passam por inúmeras experiências de invalidação. De acordo com Kohleberg e Tsai (1991), para um desenvolvimento saudável do self, é importante que a comunidade verbal da qual o indivíduo faz parte, reforce respostas do tipo eu, que só podem ser aprendidas na medida em que pessoas dessa comunidade, através de estímulos públicos, ensinem a criança a tateá-las. Uma vez que comportamentos como chorar ou se sentir triste, por exemplo, são punidos e outros que são incompatíveis com essas respostas são reforçados, a criança acaba aprendendo a ficar sob controle público, isto é, sensível àquilo que é externamente esperado dela, já que tais respostas têm mais chances de serem reforçadas ou de não serem

4 A seleção das situações apresentadas leva em consideração três aspectos: a) a história pessoal dos autores deste artigo; b) a experiência clínica dos mesmos e; c) exemplos que também são citados em outros estudos.

**Tabela 1: Análise do comportamento de chorar de meninos.**

Antecedente	Resposta	Consequente
Situação de punição e/ou aversiva	Chorar	Repreensão ou agressão dos pais, seguido de comentários como "homem não chora" ou "deixa de ser mulherzinha" (SP+)*
Situação de punição e/ou aversiva		Evita a punição (SR-)
Agente punidor	"Segurar" o choro	Comentários como "é um homem de verdade" ou "que menino forte e corajoso" (SR+)

\* No texto são apresentadas as notações SR+, SR-, SP+. SR é um indicativo para estímulo reforçador, enquanto que SP indica estímulo punitivo. Os símbolos + e - representam a adição ou subtração de um estímulo reforçador ou punidor. Em contingências, como as apresentadas nas tabelas, significa que a resposta produz (adiciona) um estímulo reforçador/punidor, ou produz a remoção (subtrai) de um estímulo reforçador/punidor.

punidas. Esse processo implica de maneira negativa no desenvolvimento do self, enfraquecendo o controle privado e favorecendo a esquiva experiencial. Hayes, Wilson, Gifford e Follette (1996), definem a esquiva experiencial como a busca para evitar ou eliminar experiências encobertas aversivas, isto é, pensamentos, sentimentos, memórias e sensações.

De acordo com da Silva (2006), além de não poder expressar emoções, homens também precisam ter uma postura afirmativa de sua masculinidade,

que é composta por uma série de características, como, ser forte, corajoso, heterossexual, viril, autoconfiante, agressivo e destemido. Levando em conta o incentivo ao comportamento agressivo, a raiva é uma das poucas emoções que homens podem expressar, inclusive, homens são ensinados a resolver conflitos através da agressão e violência (Moore & Stuart, 2005). A tabela 2 apresentará uma situação em que a violência é incentivada pelos cuidadores ou pessoas próximas a uma criança do sexo masculino.

**Tabela 2: análise do comportamento agressivo no contexto escolar**

Antecedente	Resposta	Consequente
Conflito na escola	Agredir física e/ou emocionalmente o colega	Aprovação dos pais já que a criança bateu para se defender (SR+)  Pai indicar que "se apanhar na escola, vai apanhar em casa também" (SR-)

Muitos pais defendem – e até mesmo incentivam – os filhos quando a agressão ocorre com a justificativa de autodefesa. Além desse tipo de comportamento ser valorizado em casa, o contexto escolar também costuma reforçá-lo, já que os meninos que amedrontam as outras crianças ganham destaque e respeito dos demais colegas. Para Welzer-Lang (2001) os meninos se esforçam para, inicialmente, estar no mesmo nível que os outros e, posteriormente, esperam se tornar melhores que os outros, o que mantém o processo de dominação em

que os mais corajosos dominam os meninos "mais fracos", assim como as meninas.

Considerando as informações apresentadas até o momento, nota-se que o processo de socialização masculina defende que homens não devam ser associados a qualquer tipo de feminilidade, logo, qualquer expressão da sexualidade masculina que não seja heterocentrada é estigmatizada e associada à imagem da mulher e, portanto, merece os mesmos maus tratos que elas recebem (Courtenay, 2000; Walzer-Lang, 2001). Tais aspectos contri-



buem para que homens se sintam superiores às mulheres e oprimam outros que não atendam às expectativas sociais sobre viver a masculinidade. A tabela 3 discutirá sobre a dominação feminina.

Outra exigência da masculinidade hegemônica diz respeito ao desempenho sexual. Segundo estes ideais, os homens devem ser altamente sexuais, o que, além de estimular a competição masculina, faz com que muitos homens se sintam pressionados. Espera-se que homens sejam altamente sexuais, quando isso não acontece, eles costumam ser apontados como falhos ou

são motivos de piada no grupo. Para ter a admiração dos amigos e garantir a virilidade, muitos homens abordam mulheres em festas de maneira pouco respeitosa e se esforçam para se relacionar com o maior número possível, já que esse tipo de comportamento é valorizado por outros homens. Essa dinâmica prejudica o próprio homem, que não é capaz de reconhecer medos e inseguranças, aspectos que contribuem para patologias como depressão e ansiedade, além de contribuírem para que o homem se sinta no direito de desrespeitar e assediar mulheres.

**Tabela 3: análise do comportamento viril**

Antecedente	Resposta	Consequente
Festas ou baladas	Assediar mulheres: tentar beijar ou transar com o maior número que puder	Evita que amigos questionem sua orientação sexual (SR-) Admiração dos amigos e fama de “pegador” (SR+)
	Ir para balada e não ficar com ninguém	Amigos fazem piadas e questionam masculinidade (SP+)
Roda de amigos	Falar sobre conquistas, sobre as mulheres que ficou e se vangloriar da vida sexual	Admiração dos amigos (SR+)
	Relatar que foi para balada e não ficou com ninguém	Amigos fazem piadas e questionam masculinidade (SP+)

Segundo McCarthy (1981), muitos homens não recebem educação sexual e, mesmo assim, é esperado que já saibam tudo sobre sexo. Dificilmente observa-se homens dizendo para outros homens a respeito de suas dificuldades ou dúvidas sexuais, pois se isso ocorresse, possivelmente sua masculinidade seria questionada ou zombada. Retomando a análise de contingências, muito provavelmente, seu comportamento seria punido.

A cobrança por desempenho sexual tem gerado ansiedade em muitos homens. Observa-se medo de fracasso, angústia e vergonha, aspectos que contribuem para o desenvolvimento de disfunções sexuais.

Por não terem autorização para apresentar dúvidas ou revelarem suas emoções, muitos homens sofrem em silêncio com seus problemas sexuais ou demoram muito tempo para procurar ajuda profissional (Domingos & Britto, 2013). Considerando que precisam “prestar contas” aos amigos, acabam ficando divididos e podem, também, passar a evitar o contexto social, correndo o risco de deprimir ou, então, criar histórias sexuais, correndo riscos de serem descobertos, o que pode contribuir para o desenvolvimento de ansiedade patológica. A tabela 5 apresentará algumas possíveis consequências do isolamento ou da inabilidade para lidar com emoções.

**Tabela 4: análise do comportamento de se esquivar experientialmente**

Antecedente	Resposta	Consequente
Situações que eliciam emoções que “homens não podem sentir”	Se isola e esconde as emoções de qualquer pessoa	Evita julgamento social, como questionamento de sua força e masculinidade (SR-)
	Consome bebida alcoólica	Atenuação das emoções e sentimentos negativos (SR-)

Assim como o agente punidor pode se tornar um aversivo condicionado, segundo Sidman (2009), o próprio comportamento também pode se tornar aversivo. O que explica um pouco da razão pela qual os homens sequer discutem sobre suas emoções e evitam falar sobre elas por se sentirem envergonhados, a partir disso, é provável que o próprio eu – a ideia que o homem faz de si – possa se tornar um aversivo condicionado e, para lidar com isso, o homem acaba buscando maneiras de se esquivar daquilo que sente. Supõe-se, diante destes fatos, que o consumo de álcool e de substâncias psicoativas seja uma maneira de atenuar o sofrimento ou de se esquivar de experiências encobertas aversivas, tendo em vista que uma história de invalidação e punição favorecem repertórios de esquivas experiential.

Além de permitir que o homem se esquive de eventos privados aversivos, há uma validação social para o comportamento de beber, uma vez que “homens fortes tomam bebidas fortes”. Laurenti et al. (2005) apontam que uma das principais causas de morte em homens está associada ao uso de tais substâncias. A cirrose hepática também é destacada como um fator recorrente. Vale salientar que, de acordo com os mesmos autores, o alcoolismo é ainda maior em homens que moram em regiões mais pobres.

O suicídio de homens é quatro vezes maior que o de mulheres. Entre 2011 e 2016, 62.804 pessoas se suicidaram, 79% destas pessoas eram homens. Essa não é uma realidade única do Brasil, pois é observada a mesma tendência em outros países do mundo (Baére & Zanello, 2020). Windmüller e Zanello (2016) realizaram um levantamento bibliográfico

analisando estudos sobre depressão e masculinidades. No estudo, identificaram que os casos de depressão masculina envolvem ideais e valores de masculinidade, dentre os aspectos envolvidos com o transtorno depressivo destacaram classe social, idade e estado civil (estar solteiro, separado, divorciado ou viúvo). Elas discutem que, provavelmente, há questões de gênero que levam homens, em determinadas condições, a apresentarem sintomas depressivos.

Gomes, Nascimento e Araújo (2007) discutem o fato dos homens procurarem menos os serviços de saúde do que as mulheres. Segundo eles, certos modelos de masculinidade consideram que o cuidado com a saúde é uma característica feminina, além de sugerir que isso passaria a ideia contrária à imagem de homem viril, forte e inabalável, ou seja, homens acreditam que associar a imagem deles à prevenção de saúde pode transmitir a ideia de fraqueza.

Infelizmente ainda há muito a ser desconstruído pela Psicologia a respeito das masculinidades, especialmente no que diz respeito à formação dos profissionais. Uma alternativa para este cenário é a implementação de políticas públicas voltadas ao público masculino, com foco em psicoeducação e serviços de saúde especializados na atenção e saúde masculina (Barral, 2019).

Por fim, dois pontos emergem a partir da construção desse texto, A) a necessidade de uma desconstrução do conceito de masculinidade e B) a importância dessa discussão na formação do psicólogo. Sobre o ponto A, a maneira encontrada por muitos homens para lidar com o sofrimento é investindo em atividades violentas – seja com outros homens ou com mulheres – ou em comportamentos que causam prejuízos à própria saúde, como o

excesso de álcool ou drogas. Além disso, homens praticam poucos comportamentos de autocuidado. Vários dos comportamentos tidos como masculinos são reflexo de uma cultura patriarcal que valida e incentiva tal postura. Desconstruir o estereótipo sobre o gênero masculino como viril, forte, super sexual e como alguém que não sente (isto é, que oculta ou mente sobre as emoções), pode ser um caminho para prevenção das questões de saúde levantadas ao longo do texto. Sobre o ponto B, a masculinidade precisa ser discutida na formação do psicólogo, a fim de preparar o profissional para abordar adequadamente esse tipo de tema. O mesmo se estende à análise de comportamento, que enquanto ciência que dispõe de tecnologia para compreensão do comportamento humano, precisa se debruçar sobre tais assuntos, levando em conta os aspectos sociais, culturais e contextuais presentes na constituição das masculinidades.

Levando em consideração as diferentes ramificações que podem emergir da discussão sobre masculinidades, e tendo claro de que um único artigo não seria suficiente para explorá-las de maneira cuidadosa, espera-se que tal discussão se amplie na comunidade de analistas do comportamento.

“Sem risadinha...”

Emicida

## Referências

- Ardenghi Dutra, F., & Orellana, C. (2017). Selfies en Tinder: masculinidades hegemônicas como performance. *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*, 0(135), 143-158. doi: 10.16921/chasqui.v0i135.3170. <https://doi.org/10.16921/chasqui.v0i135.3170>
- Baére, F. D., & Zanello, V. (2020). Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. *Psicologia em estudo*, 25. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44147>
- Barral, D. C. (2019). *Os estudos das masculinidades na psicologia brasileira: da invisibilidade da crítica à crítica da invisibilidade* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília – UnB, Brasília, DF, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.unb.br/handle/10482/39704>
- Casadei, E. B., & dos Santos Kudeken, V. S. F. (2020). A masculinidade tóxica no discurso da saúde pública: estratégias de convocação dos homens em campanhas do SUS. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 14(4), 912-925. <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i4.2094>
- Cerqueira, D. R. D. C. C., Bueno, S. C., Alves, P. P., Lima, R. S. D., Silva, E. R. A. D., Ferreira, H. R. S. A., ... & Figueiredo, T. D. S. (2020). Atlas da violência 2020. Brasília, DF: IPEA.
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21, 241-282. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>
- Courtenay W. H. (2000). Constructions of masculinity and their influence on men's well-being: a theory of gender and health. *Social science & medicine*, 50(10), 1385-1401. doi: 10.1016/s0277-9536(99)00390-1. [https://doi.org/10.1016/s0277-9536\(99\)00390-1](https://doi.org/10.1016/s0277-9536(99)00390-1)
- de Almeida, M. V. (1996). Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário antropológico*, 20(1), 161-189. Recuperado de: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6602>
- de Paula, R. C. M., & da Rocha, F. N. (2019). Os impactos da masculinidade tóxica no bem-

- estar do homem contemporâneo. *Revista Mosaico*, 10(2), 82-88. <https://doi.org/10.21727/rm.v10i2Sup.1835>
- Domingos, V. G. M., & de Souza Britto, I. A. G. (2013). Disfunção sexual masculina: algumas implicações. *Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, 23(4), 579-586. <http://dx.doi.org/10.18224/frag.v23i4.2988>
- Fazzano, L. H., & Gallo, A. E. (2015). Uma análise da homofobia sob a perspectiva da análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 23(3), 535-545. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-02>
- Fazzano, L. H., Mena, I. M., Dionísio, T. E. S., & Gallo, A. E. (2020). Análise do comportamento e população LGBT: revisão das produções de pós-graduação no Brasil. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 11(1), 052-062. <https://doi.org/10.18761/PAC.2020.v11.n1.05>
- Freitas, J. C. C., & de Moraes, A. O. (2019). Cultura do estupro: considerações sobre violência sexual, feminismo e Análise do Comportamento. *Acta Comportamental: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 27(1), 109-126. Recuperado de: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/68758>
- Gomes, R., Nascimento, E. F. D., & Araújo, F. C. D. (2007). *Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior*. *Cadernos de Saúde Pública*, 23, 565-574. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2007000300015>
- Hunziker, M. H. L. (2011). Afinal, o que é controle aversivo?. *Acta Comportamental*, 19(4), 9-19. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0188-81452011000400006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-81452011000400006&lng=pt&tlng=pt).
- Kimmel, M. (2016). *Masculinidade como homofobia: medo, vergonha e silêncio na construção da identidade de gênero*. *Equatorial*, 3(4), 97-124. Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/14910/pdf>
- Kyrillos, G. M. (2020). Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade. *Revista Estudos Feministas*, 28. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n156509>
- Kohlenberg, R. J., & Tsai, M. (1991). *Psicoterapia analítica funcional: Criando relações terapêuticas intensas e curativas*. Santo André: ESEtec.
- Laurenti, R., Jorge, M. H. P. D. M., & Gotlieb, S. L. D. (2005). *Perfil epidemiológico da morbimortalidade masculina*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10, 35-46. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100010>
- Linhares, Y., & Laurenti, C. (2018). Uma análise de relatos verbais de alunas sobre situações de assédio sexual no contexto universitário. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 9(2), 234-247. <https://doi.org/10.18761/PAC.2018.n2.08>
- McCarthy, B. (1981). *O que você (ainda) não sabe sobre a sexualidade masculina* (3ª ed.). São Paulo: Summus.
- Mead, M. (2000). *Sexo e Temperamento em Três Sociedades Primitivas*, 1969 (4ª ed.). São Paulo: Editora Perspectiva S.A. (Obra original publicada em 1969). Recuperado de: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1219?show=full>
- Mizael, T. M., & de Rose, J. C. (2017). Análise do comportamento e preconceito racial: Possibilidades de interpretação e desafios. *Acta Comportamental: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 25(3), 365-377. Recuperado de: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/61632>
- Mizael, T. M. (2018). Pontes entre o feminismo interseccional e a análise do comportamento. In R. Pinheiro & T.M. Mizael (orgs.), *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (Cap. 3, pp. 40-62). Fortaleza: Imagine Publicações.
- Mizael, T. M., & Sampaio, A. A. (2019). Racismo institucional: Aspectos comportamentais e culturais da abordagem policial. *Acta Comportamental: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 27(2), 215-231. Recuperado de: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/69861>
- Moore, T. M., & Stuart, G. L. (2005). A Review of the Literature on Masculinity and Partner Violence. *Psychology of Men & Masculinity*, 6(1), 46-61. <https://doi.org/10.1037/1524-9220.6.1.46>.
- Nascimento, P. (2016). Beber como homem: dilemas e armadilhas em etnografias sobre gê-

- nero e masculinidades. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 31, 57-70. <http://dx.doi.org/10.17666/319057-70/2016>
- Pisticelli, A. (2009). Gênero: a história de um conceito. In: Almeida, H. B. Szwako, J E. *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis&Vertecchia.
- Ruiz, M. R. (2003). Inconspicuous sources of behavioral control: The case of gendered practices. *The Behavior Analyst Today*, 4, 12-16. <http://dx.doi.org/10.1037/h0100005>
- Skinner, B. F. (1985) *Ciência e Comportamento Humano*. 11 ed. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1953).
- Silva, S. G. D. (2006). A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicologia: ciência e profissão*, 26(1), 118-131. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000100011>
- Silva, E. C., & Laurenti, C. (2016). BF Skinner e Simone de Beauvoir: “a mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências. *Perspectivas em análise do comportamento*, 7(2), 197-211. <https://doi.org/10.18761/pac.2016.009>
- Sidman, M. (2009). *Coerção e suas implicações*. São Paulo: Livro Pleno.
- Almeida, M. V. (1996). Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário antropológico*, 20(1), 161-189. Recuperado de: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6602/7539>
- Veiga, L. (2018). Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta. In H. Restier & R. M. de Souza (Orgs), *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades* (1ª ed., Cap 3, pp.77-94). São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial.
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 460-482. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>
- Windmöller, N., & Zanello, V. (2016). Depressão e Masculinidades: uma revisão sistemática da literatura em periódicos brasileiros. *Psicologia Em Estudo*, 21(3), 437-449. doi:10.4025/psico-lestud.v21i3.31896.

### Histórico do Artigo

Submetido em: 04/07/2021

Aceito em: 08/02/2022

Editor Associado: Denis Roberto Zamignani